

GENTE DE GUERRA, FRONTEIRA E SERTÃO:

Índios e Soldados na Capitania do Pará
(Primeira Metade do Século XVIII)



Comissão Científica:

Casimira Grandi (Università di Trento – Itália)

Chantal Cramoussel (Universidad de Guadalajara – México)

João dos Santos Ramalho Cosme (Universidade de Lisboa – Portugal)

Mark Harris (University of Saint Andrews – Escócia)

José Luis Ruiz-Peinado Alonso (Universitat de Barcelona – Espanha)

Oscar de la Torre (University of North Carolina – Estados Unidos)

Maria Luiza Ugarte (Universidade Federal do Amazonas)

Luis Eduardo Aragón Vaca (Universidade Federal do Pará)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (Universidade Federal do Pará)

Érico Silva Alves Muniz (Universidade Federal do Pará)

Clarice Nascimento de Melo (Universidade Federal do Pará)

Lígia Terezinha Lopes Simonian (Universidade Federal do Pará)

WANIA ALEXANDRINO VIANA

GENTE DE GUERRA, FRONTEIRA E SERTÃO:

.....
Índios e Soldados na Capitania do Pará
(Primeira Metade do Século XVIII)



2021

Copyright © 2021 Wania Alexandrino Viana
1ª Edição

Direção editorial: José Roberto Marinho

Revisão: Fernando Paulo Neto

Capa: Fabrício Ribeiro

Projeto gráfico e diagramação: Fabrício Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Viana, Wania Alexandrino

Gente de guerra, fronteira e sertão: índios e soldados na capitania do Pará (primeira metade do Século XVIII) / Wania Alexandrino Viana. – São Paulo: Livraria da Física, 2021. – (Florestas ; 1)

Vários autores.

ISBN 978-65-5563-141-8

1. Amazônia 2. Brasil - História 3. Capitania do Pará - Século 18 4. Indígenas 5. Militares - Brasil
6. Soldados - Brasil I. Título II. Série.

21-82752

CDD-981.02

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Capitanias do Pará: Século 18: História 981.02

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107
da Lei N° 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física
www.livrariadafisica.com.br

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO

Criado em 2004, o Programa de Pós-Graduação em História Social (PPHIST), vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA), tem construídos estudos sobre a Amazônia invariavelmente alinhados às tendências historiográficas nacionais e internacionais. Com um diversificado perfil do corpo docente, que também se observa nas linhas de investigação, o programa tem se tornado um espaço importante de contribuição e renovação historiográfica com produção significativa em que se inserem Dissertações de Mestrado e Teses de Doutorado, relevantes nas suas temáticas e na articulação que estabelecem com os novos enfoques historiográficos.

A percepção mais ampla da Amazônia de florestas e cortadas por muitos cursos d'água que tornam à terra úmida e colabora na sua fertilização, mas que também permitem os deslocamentos e comunicações, exige um exercício de investigação e uma perspectiva de análise que valorize as experiências vividas nesta vasta região e as múltiplas conexões, fluxos e compulsões internas e externas, historicamente construídas. O caleidoscópico movimento das populações e a forças das instituições deram lugar a projeções de dramas e experiências sociais diversas e de complexidade em relevo, o que tem imprimido ao programa um caráter inovador e renovador, com novas, instigantes e necessárias abordagens.

Os livros que aqui apresentamos, neste ano de 2021, em que o programa completou 10 anos de criação do doutorado e 17 anos de existência, fazem parte da *Coleção Floresta*, vinculada ao IFCH, e são resultados dos trabalhos de professores e egressos do PPHIST. Revelam um promissor momento da pesquisa histórica na Amazônia abordando temas e temporalidades variadas que oferecem, como observaremos, novos aportes e novas interpretações sobre a Amazônia.

Um dos iniciais objetivos comuns destes livros, é o de mostrar as variedade e complexidades do espaço amazônico, seu passado histórico e os fatores condicionantes que se tem mantido vigente em sua atualidade, assim como as relações produzidas com a introdução de novos enfoques de estudos. Assim, se foi perfilado um espectro de temas relacionados com questões espaciais,

identitárias e de poder. Experiências comuns, valores partilhados e sentimentos de pertencimentos foram observados em ambientes condicionantes por relações de poder e medidos por espaços forjados na luta e dentro das práticas que o configuram e o reproduz. A Amazônia se revela nestes estudos como espaço modelar em que os agentes que o operam socialmente, constroem percepções, representações e estratégias de intervenção em diferentes temporalidades.

Tais trabalhos de pesquisa, sem dúvida, constituem contribuições originais e, sobretudo, desnaturalizadoras como se propõem ser os estudos que assumem, como coerência e autenticidade, a relação com o passado e demandas presente, tendo como eixo central de diálogo, a história social em contexto amazônico e suas conexões. Os trabalhos reunidos propiciam aos leitores, ademais, um proficuo exercício de crítica historiográfica, métodos e análises documentais. Como apontado, percorrem searas das mais diversas, adensando as riquezas de suas contribuições, quanto à análise de estratégias para enfrentar variadas formas de controle, pensar as ações de domesticação e dominações estabelecidas por agentes e agências oficiais, assim como revelar práticas de resistências, lutas e enfrentamentos.

Os textos expressam, simultaneamente, pesquisas em andamento e outras já concluídas. Temáticas, temporalidades e enfoques plurais que apenas um programa consolidado poderia construir. Diante de tantas e inovadoras contribuições, a intenção é que o leitor estabeleça um exercício de escolha mais consentâneo a seus interesses e afinidades, estando certo de que encontrará nestas coletâneas um conjunto de leituras, instigantes, necessárias e provocativas.

Aproveitamos para registrar os nossos cumprimentos e agradecimentos a CAPES pelo apoio financeiro para publicação, o que expressa o compromisso com o desenvolvimento da pesquisa e a formação superior no Brasil e na Amazônia. Estendemos os cumprimentos ao Programa de Pós-Graduação em História Social, ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e a Universidade Federal do Pará pelo apoio institucional e envolvimento dos seus professores e técnicos na construção destas importantes obras bibliográficas.

Um bom exercício de leitura é o que inicialmente desejamos.

Fernando Arthur de Freitas Neves

Diretor do IFCH

Francivaldo Alves Nunes

Coordenador do PPHIST

*A meu pai, Antônio de Sousa Viana (in memoriam).
Hoje você é eterno dentro de mim. Saudade infinita.
À minha mãe, Maria do Carmo, meu amor sem fim.
À minha doce e curiosa existência, filho João, vida
da minha vida.
Ao meu companheiro da vida, Márcio Ramos.
A todos os jovens da minha comunidade que olham
o rio como um caminho, e a Universidade como uma
porta de transformação social.*

AGRADECIMENTOS

Este livro é resultado da minha Tese de Doutorado defendida em 2019 pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Pará (UFPA). Em 2020, este estudo, recebeu o Prêmio Capes de Tese, na área de História e a Menção Honrosa no 7º Prêmio ANPUH de Tese. Trata-se de um trabalho que retrata, sobretudo, os percursos de pesquisas realizadas ao longo da minha vida acadêmica. Um percurso difícil, com desafios comuns de trajetória acadêmica, somados a outros tantos, que decorrem da minha história de vida e lugar de pertença. Experiências que são vivenciadas por indígenas, quilombolas, ribeirinhos, negros, mulheres, mães e tantos outros grupos sociais que se lançam na busca pela formação acadêmica no Brasil, para os quais os obstáculos são enormes.

Chegar a este ponto é principalmente reconhecer que só foi possível trilhar esse caminho graças a muitas pessoas que encontrei nessa minha destemida curiosidade para ver o que tinha além da minha ilha. Essas pessoas me apontaram uma direção, abriram meus caminhos, sustentaram minhas ações, possibilitaram a pesquisa, suavizaram a jornada, compartilharam conhecimento, dividiram trajetórias, caminharam ao meu lado, estiveram em algum ponto subsidiando o *meu seguir em frente*.

Em primeiro lugar, agradeço à força que alimenta minha alma. Que me traz equilíbrio emocional, que apruma minha existência. Aquela luz que traz os dons da ciência e da sabedoria. Agradeço ao que há de sagrado em mim pela presença concreta em todos os dias, e pelo alimento de coragem, esperança e persistência que não me faltou nenhum dia.

Agradeço ao meu pai, Antônio (*in memoriam*), a quem não pude abraçar ao final dessa trajetória acadêmica, mas que esteve junto a mim em todos os momentos naquilo que eu guardei de mais precioso de sua existência na minha vida. À minha mãe, Maria do Carmo, que sempre me incentivou a acreditar e seguir em frente. Às minhas irmãs Wanessa e Vaneise pela força, apoio e presença solidária e prestativa; meu irmão Wanderson pelo incentivo e pelas horas

de leveza proporcionadas pelos meus sobrinhos Gabriel e Pedro. Obrigada por tudo, meus amores!

Agradecimento especial ao meu companheiro, Márcio Ramos, que está ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por toda sua dedicação ao João, nosso filho, por assumir as tarefas com ele e em casa, isso facilitou a condução da pesquisa e a escrita do trabalho. E, claro, agradeço a meu filho, desde o mesurado quando descobri que ele estava a caminho, minha vida virou de ponta-cabeça, bagunçou minha rotina, mas potencializou minha vontade de seguir. Obrigada por ter sido tão paciente por entender minha ausência e as longas horas dedicadas ao estudo.

Ao professor Rafael Chambouleyron, meu orientador desde sempre. A pessoa que mais influenciou na minha trajetória acadêmica e na pesquisadora que me tornei. Nunca vou esquecer a sua generosidade, em me receber junto aos seus orientandos em grupo de pesquisa ainda na graduação. Durante toda minha trajetória acadêmica contei com sua valiosa contribuição. Obrigada por ter acreditado em mim e nas minhas propostas de pesquisa. Por compreender tão humanamente todos os percalços (e não foram poucos) da minha vida pessoal interferindo na pesquisa. Obrigada pelas cobranças, direcionamentos e leitura minuciosa e rigorosa. Sigo com esse inestimável exemplo de profissional e ser humano.

Aos professores Otaviano Vieira Junior e Mauro Cezar Coelho agradeço pelas contribuições à pesquisa no momento da qualificação da tese. A leitura atenta da proposta de estudo e as arguições pertinentes definiram grande parte das escolhas e caminhos da pesquisa.

Nesta altura agradeço também à professora Ângela Domingues por ter me recebido na Universidade de Lisboa e acompanhado minhas atividades de pesquisa junto aos arquivos portugueses. A sua orientação foi muito importante para a reflexão dos problemas deste estudo. Uma querida que marcou de forma muito positiva a minha trajetória acadêmica. Muito obrigada, professora.

Agradeço aos meus amigos pesquisadores de História colonial que tive a sorte de conhecer e conviver nas orientações e eventos e compartilhar angústias acadêmicas. Aqueles que fizeram as *Jornadas Coloniais* e que influenciaram positivamente as minhas escolhas acadêmicas. Assim como aos demais

colegas de Mestrado e Doutorado que se tornaram amigos e que agora levo para minha vida. Obrigada!

Quanto às Instituições. Em primeiro lugar agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa, mediante a bolsa de pesquisa. A importância do fomento à pesquisa só entende quem teve a vida transformada pela oportunidade de estudar. Manter as atividades de pesquisa, participação em eventos, compra de livros, alimentação para muitos só é possível mediante apoio financeiro de bolsas de pesquisa. Agradeço às políticas de fomento à pesquisa, ciência e tecnologia no Brasil. Aos presidentes Lula e Dilma por aproximarem a Universidade de ribeirinhos (como eu), negros, indígenas, jovens da periferia e tantos outros. Foi graças a esse fomento que pude me manter na Universidade. São lamentáveis os ataques com cortes de recursos que a pesquisa tem sofrido no Brasil e desolador o tamanho do retrocesso que estamos assistindo.

A todos os funcionários das instituições em que realizei a pesquisa pela boa recepção e ajuda na compreensão do acervo documental. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Histórico Militar de Portugal, Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca do Exército de Portugal, Departamento de Estudos Arqueológicos do Exército e Arquivo Histórico Ultramarino.

Um especial agradecimento aos funcionários do Arquivo Público do Estado do Pará (APEP). Desde que cheguei a Belém esse espaço fez parte da minha vida. Agradeço à professora Magda Ricci, que, na condição de Diretora do APEP, em 2008, aceitou meu pedido para ser voluntária no Projeto de Sesmarias, lá pude afinar minha leitura dos documentos do século XVIII. Acrescenta-se também a oportunidade que tive como bolsista no Centro de Memória da Amazônia (CMA); vivenciei a seriedade da pesquisa e o cuidado com a documentação, experiência que contribuiu grandemente para minha formação. Agradeço ao professor Otaviano Vieira por esse aprendizado.

Agradeço ainda ao Grupo de Pesquisa HINDIA (História Indígena e do Indigenismo da Amazônia), coordenado pelos professores Marcio Couto Henrique e Karl Arenz. Esse grupo tem sido muito importante para compreender os conceitos e as perspectivas da História Indígena no Brasil e na Amazônia. Sobretudo, por agregar a questão indígena na Amazônia por diferentes perspectivas.

Portanto, este estudo é resultado de um percurso de pesquisa acadêmica que teve a colaboração de diversas pessoas e instituições. Nessa altura, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História (PPHIST) da UFPA por financiar a publicação da Tese, que agora torna-se livro, ampliando a divulgação dos resultados das minhas pesquisas. Preciso destacar a oportunidade que tive de ingressar em uma Universidade Pública em um contexto de políticas públicas de interiorização da Universidade. Foi esse acesso que transformou minha história, mudou a minha vida. A Universidade pública, que hoje tenho a honra de fazer parte como professora, deve ser sempre defendida como um caminho certo de transformação social e promoção de conhecimento, ciência, pesquisa e promoção de cidadania.

ÍNDICES

Índice de quadros

Quadro 1. Regimentos e Alvarás – primeira fase da reforma militar (1623-1679).....	57
Quadro 2. Regimentos e Alvarás – segunda fase da reforma militar (1708-1732).....	62
Quadro 3. Regimentos e Alvarás – terceira fase da reforma militar (1754-1799).....	66
Quadro 4. Regimentos de infantaria e artilharia de acordo com o plano de reestruturação da guarnição da cidade de Belém do Pará, 1750.....	94
Quadro 5. Oficiais e postos das companhias regulares na Capitania do Pará (1726-1732).....	102
Quadro 6. Oficiais e postos das companhias regulares na Capitania do Maranhão (1730).....	103
Quadro 7. Distribuição de soldados pago na Capitania do Pará (1730-1747).....	107
Quadro 8. Distribuição de soldados pagos na Capitania do Maranhão (1737-1742).....	108
Quadro 9. Distribuição de gente nas fortificações da capitania do Pará (1730-1742).....	202
Quadro 10. Distribuição de gente nas fortificações da capitania do Maranhão (1737-1742).....	202
Quadro 11. Canais de mobilização de gente para tropas militares no Pará (Primeira metade do século XVIII).....	220
Quadro 12. Mobilidade de Militares no Serviço Militar (1709-1750).....	248
Quadro 13. Mobilidade de Índios para atividades militares no Pará.....	259
Quadro 14. Patentes indígenas (1737-1749).....	321

Índice de tabelas

Tabela 1. Gente de paga e de ordenança. Pará e Maranhão (1623-1747)... 85

Tabela 2. Número de gente nas ordenanças na capitania do Pará e capitania do Maranhão (1647-1747) 120

Índice de imagens

Imagem 1. Traçado de Di Giorgi Martine 149

Imagem 2. Traçado abaluartado 150

Imagem 3. Traçado Vauban..... 151

Imagem 4. Traçado Vauban..... 152

Imagem 5. Fortificação de Praça Regular..... 154

Imagem 6. Fortificação de Praça Irregular 155

Imagem 7. Praça Forte de Mazagão (1541-1542)..... 159

Imagem 8. Baluarte segundo o Tratado *Methodo Lusitanico* 160

Imagens 9 e 10. Estampas de Azevedo Fortes presente no *Engenheiro Portuguez*..... 163

Imagem 11. Casa Forte do Rio Araguari 179

Imagem 12. Fortaleza de Nossa Senhora das Mercês da Barra de Belém ...187

Imagem 13. Planta da fortaleza da barra do Pará..... 188

Imagem 14. Planta da Fortaleza da cidade do Pará..... 189

Imagem 15. Planta do Armazém da Pólvora..... 191

Imagem 16. Mapa de defesa da Barra e Cidade do Grão-Pará 193

Imagens 17 e 18. Mapa da Barra do Pará, 1793 195

Imagem 19. Planta da abertura de canal..... 200

Imagem 20. Mapa da Aldeia Majuri, 1728..... 306

Índice de mapas

Mapa 1. Fortificações e rios 177

SUMÁRIO

Prefácio	17
Introdução	21
Parte I.	
“Do que Estava Pendente a Boa Administração do Governo”: Legislação, Companhias Militares e Fortificações	
Capítulo 1. Militarização e poder em Portugal	37
1. Portugal e a guerra moderna	39
2. A letra da Lei. Decretos, Regimentos, Alvarás.....	56
3. Inovações Institucionais	69
Conclusão.....	75
Capítulo 2. “E, que gente é que temos?” Companhias militares e soldados pagos no norte da América portuguesa	79
1. As Companhias Regulares	82
2. As Companhias de Ordenança	110
3. As Companhias Auxiliares.....	124
Conclusão.....	135
Capítulo 3. Povoar e defender: as fortalezas do Grão-Pará	139
1. Casa Fortes, Fortalezas e Presídios: o problema das terminologias	142
2. Fortificação à moderna: ciência, conhecimento e formação	146
3. O “laboratório” das práticas: as fortificações e os engenheiros militares na capitania do Pará.....	164
3.1. Das obras de fortificação e os desafios da construção na Amazônia... 165	

3.2. O engenheiro e o desenho: as fortificações na capitania do Pará	178
Conclusão	204
Parte II.	
“Porque sem Eles se Não Há de se Defender”: Mobilização de Gente, Guerras e a Presença Indígena no Funcionamento Defensivo da Capitania do Pará.	
Capítulo 4. Redes de mobilização militar na capitania do Pará	209
1. As redes de mobilização militar no sertão	221
2. Redes de mobilização de soldados para defesa do Pará	236
3. Conexões e experiências de militares e índios	247
Conclusão	263
Capítulo 5. Defesa luso-indígena: militares, indígenas e alianças na capitania do Pará	265
1. A arte da guerra: algumas reflexões	267
2. Índios aliados nas tropas portuguesas e o avanço da fronteira da colonização	277
3. Os indígenas e a expansão das fronteiras coloniais	285
3.1. A Guerra do Cabo do Norte	285
3.2. A Guerra do Rio Negro	297
4. Razão das alianças: algumas reflexões	309
5. Além da guerra: prestação de serviços e mercês	314
Conclusão	330
Considerações Finais	333
Fontes manuscritas	341
Fontes impressas	357
Referências bibliográficas	363

PREFÁCIO

A história deste livro, que se origina da premiada tese de Wania Alexandrino Viana, começa há uns 15 anos. Ainda na graduação, como aluna, na quase quadrissecular cidade de Cametá, no campus do Tocantins da Universidade Federal do Pará, Wania Viana iniciou seus estudos sobre o recrutamento militar na capitania do Pará, durante a primeira metade do século XVIII. Naquele momento, Wania Viana estava interessada em compreender as formas compulsórias de alistamento da população pobre – indígena, branca e mestiça – que vivia ou que chegava à Amazônia (caso dos degredados), nas tropas de linha portuguesas. Ao mesmo tempo, estudou a vivência dessa diversidade de indivíduos nas fileiras do mal aparelhado exército português, não só nas fortalezas e fortins, lugares por excelência da presença militar, mas também, e principalmente, nas longas expedições fluviais aos sertões amazônicos, examinando a organização das jornadas e as tarefas de cada um, mas também os próprios transtornos que causavam a quem delas participava. Igualmente, nesse primeiro trabalho, terminado em 2009, tratou-se de compreender as inúmeras formas de resistência ao recrutamento e às agruras da vida militar na Amazônia colonial, o que incluía a deserção e os pedidos de baixa legitimados por diversas razões de ordem familiar ou econômica, revelando as várias redes de solidariedade construídas pelos soldados e seus familiares.

Essas questões foram aprofundadas na sua dissertação de mestrado, defendida em 2013 (publicada em 2016). De fato, a questão militar, de defesa, ou se quisermos, a “conservação” do antigo Estado do Maranhão e Pará se tornou um problema central para a coroa portuguesa, razão pela qual era tema recorrente nas correspondências trocadas entre as autoridades régias na conquista e a Corte. O lamentável estado das fortalezas, casas fortes, fortins e presídios e o insuficiente número de soldados e oficiais – cujos números, aliás, Wania Viana procura reconstruir a partir das fragmentadas fontes – eram queixas comuns dos governadores em suas cartas ao rei e aos conselhos. A própria condição de fronteira da capitania do Pará, que lindava com terras da França,

das Províncias Unidas e de Castela, fazia do problema da “militarização”, para usarmos as palavras da autora, um problema central da colonização portuguesa na região. Assim, Wania Viana procura compreender nesse trabalho de que maneira a coroa buscou equacionar o processo de militarização da capitania do Pará, por meio da compreensão das formas composição e mobilização da tropa paga, a quem coube preferencialmente, na região amazônica colonial, a função de defesa do território.

Ao longo desses anos (e dos últimos também), o trabalho de Wania Viana caracterizou-se por um impecável compromisso com a pesquisa, que as/os leitoras/es do presente livro, aliás, poderão verificar. Ao mesmo tempo, um profícuo diálogo com a bibliografia, por meio do qual ela procura dar sentido aos contextos mais gerais que significam os momentos que estuda. Por outro lado, permite inserir o seu trabalho nos debates historiográficos mais importantes para a compreensão da sua pesquisa. É notável que, desde o seu trabalho de graduação, Wania Viana tenha dialogado, inclusive criticamente, com a chamada “nova história militar”, o que ficará ainda mais claro neste livro, o que mostra o seu amadurecimento como pesquisadora ao longo de sua trajetória acadêmica. Percurso, aliás, que se beneficiou, ainda como discente de doutorado, da experiência docente numa universidade privada de Belém do Pará, depois no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, no campus de Breves, na Ilha do Marajó (onde pôde, de novo, tomar um excelente açaí, como o de sua comunidade), e, finalmente, na Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém, onde hoje é professora. Apesar do trabalho extra que tudo isso significou, não temos a menor dúvida que a experiência docente, tanto no Ensino Básico quanto no Ensino Superior, foi fundamental para a formação da Wania Viana pesquisadora, cuja trajetória se consolida com a investigação do doutorado, realizada na Universidade Federal do Pará, com estágio sanduíche na Universidade de Lisboa, defendida em 2019 e que aqui se publica.

Na elaboração desta investigação, a autora partiu de uma constatação estruturante: a de que os modelos explicativos exclusivamente ancorados na atuação de tropas pagas – ou seja, em companhias regulares, auxiliares e ordenanças –, não eram suficientes para entender as estruturas militares que atuaram no Norte da América Portuguesa. A organização militar do Estado do Maranhão e Pará, para além de ser diferente das formas organizativas militares

encontradas no restante Brasil, e em outras partes do Império colonial português, caracterizava-se pela insuficiência de tropas pagas e pela ausência de tropas auxiliares.

Os caminhos que a Wania Viana escolheu seguir para estudar este problema não foram, seguramente, os mais fáceis e óbvios, embora tenham sido sempre desafiantes e motivadores. Implicaram um trabalho dedicado, metuculooso e persistente nas instituições de memória portuguesas e brasileiras, bem como uma reflexão teórico-metodológica sólida e fundamentada, que põe em diálogo a história indígena com a nova história militar.

Assim, um dos desafios a que Wania Viana inteligentemente procurou dar resposta foi o de perceber que soluções tinham sido encontradas pela coroa e pelos governadores para resolver, de forma eficaz, estes problemas estruturais de fragilidade e inoperância sentidos pelos agentes da coroa e pelas populações coloniais em relação à defesa das fronteiras externas e à manutenção da ordem interna neste imenso território. A autora mostra claramente como a solução encontrada passou pela incorporação dos indígenas, considerados como elementos fundamentais na defesa e na expansão das fronteiras coloniais.

Parece-nos que este livro seguramente transmitirá aos leitores o entusiasmo e o envolvimento da sua autora pela compreensão profunda do que era a militarização e o sistema defensivo da capitania do Pará na primeira metade de setecentos. Certamente que chamará ainda a nossa atenção para aspetos que são inovadores quando comparados com outras análises realizadas em função de conceções mais tradicionais de história militar. De entre as propostas inovadoras que aqui são apresentadas, queremos destacar a originalidade do período cronológico e do tema enfocado, uma vez que parte significativa dos estudos da história militar da Amazónia colonial (alguns deles notáveis) optam por dirigir as suas análises para épocas posteriores, com destaque para as reformas pombalinas e a aplicação dos tratados de limites, ou para a integração das elites sociais paraenses nos altos postos militares. Seguidamente, salientamos o facto de a autora partir duma profunda compreensão das estruturas militares europeias e reinóis para entender, de forma integrada e dinâmica, como as forças políticas e governativas do Estado português se estruturaram na colónia através da óptica da militarização da capitania do Pará. E, finalmente, parece-nos importante evidenciar que, embora inserindo-se nas reflexões historiográficas que recentemente se têm dedicado a repensar as relações dos militares

com a governação e com a sociedade colonial, esta obra contribui igualmente para valorizar a participação dos povos indígenas em políticas e estratégias, em guerras e numa cultura militar que, por algum tempo, foram consideradas como sendo predominantemente europeias.

Ora, neste sentido, o livro é também uma contribuição notável para devolver aos indígenas o protagonismo que tiveram na organização militar, na construção territorial e na defesa da Amazónia portuguesa. E, conforme é eloquentemente explicado por Wania Viana nestas páginas, permite entender o seu envolvimento e participação numa arte da guerra que é “de todas as nações e sortes de gentes”: portugueses, indígenas, mestiços, africanos.

Este livro premiado pela CAPES e pela ANPUH é fruto de um longo caminho trilhado por uma excelente mulher pesquisadora, vinda de uma comunidade ribeirinha da Amazônia tocantina. Seu belíssimo trabalho permite compreender as múltiplas experiências daqueles que viveram no passado na complexa região amazônica, cuja história tem sido reescrita nas últimas décadas por jovens e brilhantes pesquisadoras como Wania Viana.

Belém – Lisboa
Rafael Chambouleyron
Ângela Domingues